

**Notícias bibliográficas: uma cartografia imprecisa do acervo da Livraria Rosa
(Florianópolis, 1946-1948)**

FELIPE MATOS*

Após sua inauguração, em 1944, a Livraria Rosa consolidou-se no mercado de Florianópolis como uma das principais vias existentes de circulação de livros. Em seus registros pessoais, anotou o livreiro João Teixeira da Rosa que, na ocasião, Florianópolis possuía cinco estabelecimentos do ramo: as livrarias Progresso, Central, Moderna, Catarinense e a Casa 43, nenhuma delas dedicando-se exclusivamente aos livros.

Apesar das livrarias Moderna e Central possuírem um acervo significativo, ambas passavam por um momento de transição, já que a Livraria Moderna foi vendida por seu fundador, Paschoal Simone, para Pedro Xavier, reestruturando suas atividades; e a Livraria Central teve seu proprietário, Alberto Entres, preso e exilado devido aos conflitos interétnicos em maio a Segunda Guerra Mundial. Já as livrarias Progresso, Catarinense e a Casa 43 eram, sobretudo, papelarias. O principal método utilizado até então por tais estabelecimentos a fim de manterem-se atualizados com os principais lançamentos editoriais do país eram os catálogos de livros, que também eram publicados em jornais e revistas, cujos intermediários entre a compra e o acesso ao livro poderiam ser os próprios leitores, dispensando a figura do livreiro.

Contudo, a venda de títulos por catálogos - método habitualmente utilizado na cidade desde o século XIX, quando livrarias como *Garnier* e *Laemmert* publicavam suas listas de livros nos jornais – gradualmente foi perdendo seus adeptos, pois constituía-se num processo dispendioso. Além de não possuírem o contato físico com o objeto desejado, os interessados precisavam escrever às editoras remetendo o dinheiro antecipadamente. Há o desgaste de obter o endereço, assim como o valor atualizado dos livros.

Dedicar-se exclusivamente aos livros, podendo assim possuir um estoque maior e mais diversificado de títulos, foi um dos trunfos que transformaram a Livraria Rosa em referência no comércio de livros entre os anos 1940 e 1950 em

* UFSC. Doutorando em História. Bolsista CAPES/REUNI.

Florianópolis. A Livraria Rosa passou a ser vista como a principal livraria da cidade, ou, ao menos, é o que assegura um de seus antigos frequentadores, o escritor Salim Miguel: “A Livraria Moderna andou publicando uns livros, inclusive dois do Othon Gama D’Eça, mas nessa época já estava mais ou menos parada. A livraria mais importante era a Livraria Rosa, que recebia os lançamentos das principais editoras brasileiras” (MIGUEL & MALHEIROS: 2002, 20).

Do pequeno corredor entulhado de livros usados a livraria cresceu até sofrer a primeira reforma passando a ocupar toda a sala da frente da residência de João Teixeira da Rosa Júnior. Em 1949 ganhou uma nova reforma que alterou toda a estrutura tanto da residência quanto da livraria, dando um ar mais profissional ao estabelecimento, ou ao menos, uma estrutura planejada para suportar a livraria, diferente da sala improvisada de então.

O antigo casario colonial foi transformado num prédio de dois pavimentos, construído de alvenaria e coberto com telhas tipo “francês”. A fachada era de platibanda com duas portas no pavimento térreo e duas janelas no pavimento superior. O pavimento superior do prédio era destinado a residência e o inferior ao comércio, dividido em oito compartimentos destinados a livraria, corredor, instalações sanitárias e depósito.

É preciso deixar claro que dos sete anos de funcionamento da livraria, apenas o período de 1946 a 1948 foi possível ser levantado, exatamente o período da publicação da coluna “Notícias Bibliográficas” pela Revista Atualidades. E mesmo este levantamento resulta-se incompleto, pois foi elaborado através de consulta aos exemplares da revista depositadas no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Apesar de cumprir o seu propósito de se traçar uma cartografia inicial – ainda que imprecisa – dos livros circulantes, não se trata, portanto, de um levantamento definitivo, pois o referido acervo não está completo com todos os exemplares da revista lançados no período em questão.

Com o seu desenvolvimento e sua consolidação no mercado local, em seus anúncios publicitários a Livraria passou a ser mais “audaciosa” ao assegurar ser capaz de atender a qualquer tipo de pedido, vendendo “qualquer livro de qualquer editora” (*Anuário Catarinense para 1948*. [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.). A despeito dos *slogans* mercadológicos, a Livraria Rosa, se era ou não capaz de vender

qualquer livro de qualquer editora, ao menos apresentava uma grande variedade de títulos e autores de algumas das maiores editoras nacionais de então. Chegou a ser, inclusive, distribuidora no Estado e agente em Florianópolis de editoras estrangeiras como a *El Ateneo*, de Buenos Aires (Revista Atualidades. Nº06. 1946).

Se comparado com o acervo da Livraria Moderna, de Pedro Xavier, o acervo da Livraria Rosa destacava-se pela maior quantidade de obras em estoque, a maior variedade de títulos e a melhor atualização com relação aos lançamentos, segundo impressões de Salim Miguel:

E outra coisa também é que, embora a Moderna recebesse alguns títulos de editoras brasileiras, quem passou a receber os títulos das principais editoras que estavam se tornando importantes nesse país era a Livraria Rosa. O acervo da Livraria Rosa era melhor porque ela recebia a editora Globo e José Olímpio, que na época eram as duas editoras mais importantes do país. A Globo tornou conhecidos não só alguns escritores brasileiros, porque a Globo se dedicava mais à literatura estrangeira do que a brasileira, ela publicava um ou outro autor brasileiro, especialmente o Érico Veríssimo porque era um dos diretores (risos), Cecília Meireles, Marques Rebelo e os autores gaúchos. Já o José Olímpio era o contrário, publicava alguns autores estrangeiros, foi a primeira a publicar toda a obra do Dostoievski, não da tradução dos russos, da tradução da tradução, da tradução francesa, mas os mais importantes escritores brasileiros dos anos 30 em diante foram publicados pelo José Olímpio. E a Livraria Rosa passou a trabalhar com ele, trabalhava com outras editoras menores, como a Pongetti, a Cia. Editora Nacional, de São Paulo, que publicava pouca obra de ficção, de poesia, publicava mais eram livros de estudos, ensaios, e história do Brasil, inclusive, foi a primeira a editar um livro de um catarinense sobre o Contestado, do Oswaldo Rodrigues Cabral. Então esses livros a gente encontrava na Rosa...¹

As observações de Salim Miguel vão ao encontro das informações consolidadas pela historiografia do livro brasileiro em relação a proliferação de editoras brasileiras especialmente a partir da década de 1940. Um dos pioneiros na pesquisa da história do livro no Brasil, Laurence Hallewell - baseado nos estudos de Lúcia Lippi Oliveira (OLIVEIRA, 1980) – aponta a Era Vargas como marco fundamental não apenas da história brasileira como da história editorial e da circulação de livros no país. O preço proibitivo dos livros importados contribuiu para uma onda de publicações na área de literatura e com uma fenomenal taxa de crescimento da edição de livros, com as cifras relativas a São Paulo entre 1930 a 1936 ultrapassando a marca de 600%! Para Hallewell, não há como questionar que no período que se seguiu a revolução de 1930 houve o surgimento de uma indústria editorial brasileira viável, capaz de fazer

¹ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

lançamentos com edições outrora impensáveis de cinco a dez mil exemplares como fez José Olympio (HALLEWELL: 2005, 422).

O escritor Rosário Fusco, em 1940, completa:

O movimento editorial se anima. As reedições se sucedem. O comércio do livro nacional é um dos mais prósperos do continente (...). Pela primeira vez no Brasil, as edições dos romances se sucedem com apenas meses de intervalo quando, pouco antes de trinta, as edições de mil exemplares, na sua maioria pagas pelo próprio autor, demoravam meses e meses nas estantes, quando não se esgotavam pela distribuição grátis dos escritores... De 1936 (...) as casas editoras, estimuladas pela procura do livro e pela quantidade dos originais que lhes são oferecidos (...) disputam os autores, aumentam as suas tiragens, incrementam os concursos (...) e o movimento editorial prospera formidavelmente (FUSCO apud. HALLEWELL: 2005, 422-423).

A partir da década de 1940 grupos de editores e livreiros começaram a se reunir para discutir os problemas do setor e buscar formas de atuação conjunta e organizada. Data de 1946 a proposta de criação de uma entidade de classe – a Câmara Brasileira do Livro – que assumiu a tarefa de divulgar e promover o livro no Brasil. A idéia já circulava a algum tempo no meio editorial brasileiro, repercutindo especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, centros detentores das maiores casas editoriais. Uma das principais reivindicações da Câmara Brasileira do Livro foi a inclusão na Constituição Federal da isenção tributária sobre o papel destinado à produção de livros que desde o século XIX sufocava a indústria editorial pelas altas taxas sobre sua importação. Entre as décadas de 1910 e 1920, as poucas edições ficcionais brasileiras e mesmo a produção de cartilhas e livros didáticos, que correspondiam por mais de 30% do total de volumes editados, tinha como limite o alto custo e a demanda restrita (CRUZ: 2000,78).

O papel de consumo gráfico sempre fora uma mercadoria de custo alto, dependente de importação e sujeita às vicissitudes da economia de mercado. Nas primeiras décadas do século XX o país valia-se, efetivamente, de apenas dois empreendimentos no gênero, a pioneira Companhia Melhoramentos e a Kablin Irmãos, com dez fábricas: quatro em São Paulo, quatro no Rio de Janeiro, uma no Rio Grande do Sul e outra em Pernambuco (MARTINS: 2001, 209-217).

Contudo, sua capacidade de produção estava longe de atender ao mercado interno, sem contar que as fábricas brasileiras dependiam do fornecimento de matéria-prima estrangeira como a celulose química, as telas metálicas, feltros, sulfato de alumínio e demais ingredientes. Um dos motivos que proporcionaram a expansão da

Livraria do Globo deve-se ao fato de que na década de 1930 a editora aproveitou-se de uma crise econômica que atingira a Europa – encarecendo o papel e a importação de livros desse continente – para tornar-se competitiva em seu próprio mercado nacional (HALLEWEL: 1985, 316-317). A livraria antecipou-se à crise, abasteceu seu estoque e pôde oferecer um produto abaixo do preço das demais editoras.

A influência do preço do papel na indústria editorial brasileira foi assunto de uma das colunas de Teixeira da Rosa, ao trazer um depoimento de Rogério Pongetti – da editora Pongetti, uma das dez maiores editoras nacionais em número de livros lançados (HALLEWEL: 1985, 293) - a justificar os altos preços dos livros ao reclamar da dificuldade de obtenção de matéria prima e das leis de importação do papel estrangeiro:

O Sr. Rogério Pongetti, falando ao 'Correio da Manhã', do Rio, em dias de janeiro do ano corrente, assim se expressou: 'As dificuldades de matéria prima não melhoraram, agravando-se mesmo na questão do papel. Os fabricantes nacionais só aceitam encomendas por favor e a custa de muitos empenhos...' Afirmou que 'parece ter sido elaborada por 'amigos da onça' a lei que facultou a importação do papel estrangeiro com isenção de direitos'. Com esta entrevista procurou o Sr. Pongetti explicar a razão porque o livro é vendido por preço que parece caro (Revista Atualidades. Nº2. 1947).

Mesmo com as melhorias do parque gráfico, a proliferação de editoras e a isenção tributária sobre o papel destinado à produção de livros, os altos custos de produção ainda eram os principais obstáculos para a difusão do livro, o que não impediu, entretanto, o grande aumento da oferta de livros. Salim Miguel, com sua experiência de livreiro e editor concorda que o preço era o maior obstáculo para a aquisição de livros:

Era o preço (...) porque o livro é uma coisa curiosa. Na medida em que aumenta a tiragem diminui o preço, porque o custo básico é um, é chegar até o livro pequeno para ir para a gráfica, no momento em que ele começa a rodar, tanto faz tu tirares mil exemplares, quanto dez mil, como vinte mil o custo básico é o mesmo. O que vai custar mais é o papel, a impressão e o acabamento. (...) E as vendas não eram muito grandes, quem tinha uma livraria era por ser um apaixonado pelos livros, não que ele fosse enriquecer ou que fosse vender 50 exemplares de um autor, 200 de outro, ele vendia dois três, quatro, cinco de um nome já consagrado. (...) A gente encontrava o José Lins do Rego, encontrava o Jorge Amado, encontrava o Graciliano, encontrava todos esses nomes que se tornaram referência na literatura brasileira. Depois foram surgindo outras editoras, a Martins, de São Paulo, a Civilização Brasileira, do Enio Silveira, no Rio de Janeiro, mas as três editoras básicas do dos anos 40 eram a José Olímpio, no Rio de Janeiro, a Companhia Editora Nacional, em São Paulo e a Globo, em Porto Alegre. Além disso, tinha a Pongetti, que os livros eram mais baratos e mais feios, uma ou outra coisa da Cruzeiro, como "O Lobo da Estepe", a gente encontrava na Livraria Rosa.

A necessidade do Brasil de restringir importações no período da Segunda Guerra Mundial contribuiu para a ampliação do parque manufatureiro dos grandes centros, com destaque para o Estado de São Paulo que, em 1941, se tornara o maior núcleo industrial da América Latina. Como parte deste desenvolvimento, como aponta Hallewell, o Estado converteu-se num dos maiores centros gráficos do continente com 4 368 firmas de impressão tipográfica, 33 oficinas litográficas e 26 estabelecimentos de estereotipia, os quais empregavam uma força de trabalho especializada de cerca de quinze mil pessoas, além de abrigar dezesseis das 38 fábricas de papel mais importantes do país (HALLEWELL: 2005, 485).

São Paulo passou a dividir com o Rio de Janeiro o título de principal centro cultural do país. Grosso modo, o Rio de Janeiro possuía as principais editoras inovadoras e de importância literária, enquanto São Paulo possuía uma atividade editorial dominada pelas editoras Nacional e Melhoramentos, centradas nos livros didáticos e na literatura infantil¹.

Mesmo com as dificuldades, a década de 1940 foi emblemática para a indústria editorial brasileira, foi o período de maior *boom* até então de sua história e suas conseqüências foram sentidas num efeito dominó no qual o surgimento da Livraria Rosa está de certa maneira integrado: o crescimento industrial, o aparecimento de dezenas de novas editoras, o aumento da oferta de produtos, uma maior rede de distribuição dos livros, certa prosperidade ocasionada pela Segunda Guerra Mundial e a conseqüente recuperação do poder aquisitivo do mil-réis, um maior crescimento demográfico, as mudanças quantitativas e qualitativas na área da escolarização, da especialização acadêmica e profissional, o aumento da comunidade de leitores, uma maior rede de distribuição e de pontos de venda de livros.

No Quadro II, apresentado a seguir, percebem-se quais foram as principais editoras em circulação por Florianópolis através da Livraria Rosa e citadas por João Teixeira da Rosa Júnior em sua coluna “Notícias Bibliográficas”, entre 1946 a 1948, nos exemplares da Revista Atualidades pesquisados:

¹ Idem.

Quadro I – Editoras citadas na coluna “Notícias Bibliográfica” (1946-1948):

1946-1948	
Editora	Citações
José Olympio Editora	12
Editora Vecchi	11
Editora Globo	10
Editora Anchieta	9
AGIR	8
Brasiliense	3
Cia. Editora Nacional	3
Editora Aurora	3
Editora Brasil	3
Editora Guaira	3
Livraria Martins	3
Editora Prometeu	3
Editora Universitária	2
Editora Civilização Brasileira	1
Editora Getúlio Costa	1
Editora Irmãos Di Giorgio	1
Editora Melhoramentos	1
Editora Pongetti	1
Empresa Editora Brasileira	1
Empreza Graf. O Cruzeiro	1
Dois Mundos	1
Mundo Latino	1
Editora Ipê	1
W. M. Jackson	1

Dentre as editoras mais citadas, encabeça a lista a Livraria José Olympio Editora, casa fundada em São Paulo, em 1931, e transferida para o Rio de Janeiro, em 1934, por José Olympio Pereira Filho, ex-chefe da livraria Casa Garraux. De 1931 a 1984 a editora lançou 4.850 edições, tendo publicado alguns dos autores mais importantes e populares da literatura nacional como Humberto de Campos, Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Miguel Reale, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Rubem Braga, João Guimarães Rosa, Dinah Silveira de Queiroz, Graciliano Ramos. Sua posição independente possibilitou ter um seu catálogo autores tão díspares como Jorge Amado e Getúlio Vargas, de quem José Olympio publicou os vários volumes de “A Nova Política no Brasil” (VILLAÇA, 2001).

Em 1936, fundava a Coleção Documentos Brasileiros, dirigida, até o volume 18, por Gilberto Freyre, e por Otávio Tarquínio de Sousa até o volume 110, substituído por Afonso Arinos de Melo Franco. Ao todo foram mais de duzentos volumes publicados sobre temas brasileiros, inaugurado por “*Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Hollanda, mencionado por Teixeira da Rosa na coluna “Notícias Bibliográficas” em

1946, em virtude do lançamento de sua 2ª edição com acréscimo de um capítulo (*Revista Atualidades*. Nº08. 1946). De Gilberto Freyre, a notícia da 5ª edição de *Casa Grande & Senzala* foi recebida com satisfação por Teixeira da Rosa e “por todos quantos acompanham o movimento cultural brasileiro”, ao elencar todas as modificações feitas na nova edição que “dariam mais leveza à leitura” (*Revista Atualidades*. Nº07. 1946).

Em seguida, no quadro das editoras mais citadas, aparece a Editora Vecchi, fundada em 1913 por Arthur Vecchi. Pioneira no Brasil na edição de livros de André Maurois, Ibsen, Gide, Schopenhauer e Nietzsche, concentrou-se nas décadas seguintes na edição de revistas e de livros infantis (HALLEWELL: 2005, 276-277). Suas fotonovelas, muito populares, foram diversas vezes anunciadas por João Teixeira da Rosa, em especial a mais famosa delas, *Grande Hotel*, originalmente publicada na França e trazida ao Brasil pela Vecchi. Atento à demanda do mercado, Teixeira da Rosa enviava gratuitamente à quem solicitasse um exemplar da revista “à título de propaganda”. A iniciativa parece ter dado certo, pois a fotonovela, de tiragem semanal, teve “grande aceitação, especialmente da parte do elemento feminino que aprecia os grandes romances de amor” (*Revista Atualidades*. Nº10-11. 1947).

Na coluna “Notícias Bibliográficas” publicada na edição número 08, de 1949, Teixeira da Rosa menciona o lançamento do livro “Os Mais Belos Contos Hispano-Americanos”, da Editora Vecchi. Num volume de 325 páginas a reunir 32 dos mais famosos autores hispano-americanos como Vargas Vila, Rubén Darío, Manuel Bernárdez, José Enrique Rodó, Rufino Blanco Fombona e Ricardo Güiraldes. A publicação do livro remonta ao contexto da dificuldade de importação de livros franceses durante a Segunda Guerra Mundial, com o que os livreiros brasileiros se voltassem para outras repúblicas latino-americanas, tanto importando livros a baixo custo das editoras em expansão pela América espanhola – e cujo idioma passava a ser cada vez mais aceito no Brasil – quanto adquirindo os direitos de tradução das obras de seus principais autores (HALLEWELL: 2005, 491).

Com dez citações, a Livraria do Globo aparece como a terceira mais citada. Inaugurada em Porto Alegre, em 1883, pelo português Laudelino P. Barcellos, com sua morte, a razão social passou a ser Barcellos, Bertaso & Cia. A partir da década de 1930, sob a orientação de Henrique Bertaso e Érico Veríssimo, tornou-se uma das principais

livrarias e editoras do país (VERÍSSIMO, 2000). Como visto no capítulo anterior, a partir de 1930, mas especialmente na década de 1940, proliferaram-se anúncios com ofertas da Livraria nos jornais de Florianópolis, a oferecer livros através do reembolso postal.

Através de suas inúmeras coleções, intensifica-se a publicação no Brasil de traduções de autores anglo-saxônicos, germânicos e estrangeiros em geral, para além dos tradicionais franceses. Dentre os mais populares, aparece Edgar Wallace, W. S. Maugham, Karl May, Sax Rohmer, Pearl S. Buck, Aldous Huxley, James Hilton e outros (AMORIM: 1999, 68). Das coleções do catálogo da Livraria do Globo, Teixeira da Rosa faz menção a duas: a Nobel e a Biblioteca dos Séculos, que serão abordadas mais adiante.

Com relação à editora AGIR, foi uma das empresas que mais se fortaleceram no imediato pós-guerra, período em que Teixeira da Rosa publicou sua coluna. A livraria e editora Artes Gráficas Indústrias Reunidas S. A. (AGIR) teve entre seus fundadores Alceu Amoroso Lima, “preeminente católico leigo do Brasil” (HALLEWEL: 2005: 490). Entre suas áreas de interesse incluíam a religião, arte, literatura, pedagogia e livros didáticos.

Dentre as obras anunciadas em “Notícias Bibliográficas”, destaca-se *Diário de um pároco de aldeia* e *Sob o sol de Satã*, de Georges Bernanos; *Além da Fronteira da Vida*, de Luiz Flávio de Faro; o romance *Mona Lisa*, de Emí Bulhões Carvalho da Fonseca; *O Professor*, de Everardo Backheuser; *Princípios de uma política humanista*, de Jacques Maritain; *A Igreja e o século XIX*, por Raimond Corrigan; *Rumos políticos*, por Domingos Velasco; e *Antiga Família do Sertão*, de Esperidião de Queiroz Lima.

Semelhante às obras de caráter moral e religioso da AGIR, as publicações da Livraria Anchieta também foram muito anunciadas. Dentre elas destacam-se livros natalinos e outras obras infantis, “com capas de cores e muitas ilustrações no texto” (*Revista Atualidades*. Nº11. 1946) e edições fac-similares de obras raras como as do Pe. Manuel Bernardes, cujos originais datam de 1728.

As demais editoras, mesmo com um número menor de citações, somadas apresentam-se como o que havia de mais atual no mercado livreiro, incluindo grandes sucessos de crítica ou de vendas. Da editora Brasiliense, por exemplo - dirigida à época por Arthur Neves, o economista Caio Prado Júnior. e Leandro Dupré – vieram obras

ecléticas, com forte ênfase aos livros de administração de empresas e às ciências sociais, de autores como o próprio Caio Prado Júnior; e de literatura, como os clássicos de Maria José Dupré, autora de *Éramos Seis* e das histórias infanto-juvenis do Cachorrinho Samba (HALLEWEL: 1985, 291).

Já o principal destaque da Martins Editora talvez tenha sido a publicação dos livros de Jorge Amado, autor de grande popularidade e cujos livros sofreram com a censura do Estado Novo. Salim Miguel relembra o nome de Jorge Amado entre aqueles apontados como os autores de maior sucesso de vendas:

No Brasil, nesses anos, quem começava a se tornar um grande nome, que vendia tudo o que publicava era o Jorge Amado que começou numa editora menor e depois passou para a José Olímpio. Já estava começando também a se tornar um nome conhecido o José Lins do Rego. Ele tinha um contrato com uma editora menor, hoje se chamariam uma editora alternativa, uma era a Schimidt editora, que era do poeta Augusto Frederico Schmidt e a outra era Ariel, do Gastão Cruls e do Agripino Grieco. Então essa Schimidt foi a primeira a lançar o Graciliano Ramos e o José Lins do Rego era lançado pela Ariel¹.

Os livros de Jorge Amado – e de outros autores brasileiros, como Monteiro Lobato, por exemplo – a partir de meados da década de 1940 começaram a serem visados pelos órgãos de censura do governo Vargas como livros subversivos. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, possuir um livro de Jorge Amado era o mesmo que declarar-se comunista, revolucionário (CARNEIRO: 1997, 66)². Contudo, ao menos até 1946, ano em que Teixeira da Rosa anuncia a publicação de *Seara Vermelha*, os livros do “muito conhecido romancista” (*Revista Atualidades*. Nº10. 1946) foram anunciados sem restrições.

Outra editora novata no ramo (surgida em 1943) disponível para os leitores foi o departamento de edições de *O Cruzeiro*, a revista ilustrada de maior circulação na América Latina, a ultrapassar a casa dos 700 mil exemplares na década de 1940. Publicou essencialmente literatura – apesar de ter lançado algumas poucas edições sobre assuntos políticos, de David Nasser – concentrando-se em autores de grandes vendas como Hermann Hesse, Suzana Flag (pseudônimo de Nelson Rodrigues), Humberto de Campos, Dinah Silveira de Queiroz e outros (HALLEWEL: 2005, 495-497). João Teixeira da Rosa assim apresentou um dos lançamentos d’O Cruzeiro: “Zuzana (sic)

¹ Entrevista com o escritor Salim Miguel, concedida ao autor em sua residência na Rua Capitão Romualdo de Barros, bairro Carvoeira, Florianópolis (03/04/2007).

² Segundo a autora, a censura funcionava como instrumento moralizador colaborando para a construção de uma imagem positiva do Estado.

Flag, que se tornou conhecida no Brasil pelo seu livro ‘Meu Destino é pecar’, do qual já foram vendidos mais de 40 mil exemplares, terá mais um dos seus livros editados pela Empresa Gráfica “O Cruzeiro”. Intitula-se ‘Escravas do Amor’ (*Revista Atualidades*. Nº08. 1946)”.

Outras duas pequenas editoras que gozaram de alguma popularidade na cidade – a julgar pelos anúncios na revista - foram a Edições Mundo Latino e Editora Prometeu, ambas especializadas em romances de autores estrangeiros. Das Edições Mundo Latino, destacavam-se as obras do francês Maurice Dekobra, como *Emigrados de Luxo* e *A Filha de Mata Hari*, ambos posteriormente adaptadas para o cinema; e do cubano Eduardo Zamacois, como *As Raízes*, *O delito de todos* e *Os vivos mortos* (*Revista Atualidades*. Nº 12. 1946).

Com relação à Prometeu, publicou livros como *Breve Introdução à História da Estupidez Humana*, de Walter B. Pitkin e *O Segundo Dia da Criação*, de Ilya Ehrenburg. Contudo, o seu principal sucesso editorial certamente foram os livros da “Coleção Eros”, a serem abordados posteriormente.

Sobre as demais editoras citadas as informações foram resumidas no Quadro III, a apresentar as principais publicações mencionadas por João Teixeira da Rosa e suas respectivas editoras:

Quadro II – Demais editoras e principais publicações citadas:

Editora	Publicações
Cia. Editora Nacional	“Reflexões sobre a revolução de nossa época”, de H. Lasky; dicionários.
Dois Mundos	Coleção Clássicos Contemporâneos.
Editora Aurora	Coleção Azul (livros de bolso); livros de culinária de Cacilda Seabra; livros técnicos sobre mecânica.
Editora Brasil América Ltda.	“Seleções Coloridas”, de Walt Disney; histórias em quadrinhos (Coleção BIG); livros sobre esportes variados.
Editora Civilização Brasileira	“Boas Maneiras” (Manual de Civilidade).
Editora Getúlio Costa	Livros para “Concursos Oficiais”.
Editora Gertrum Carneiro	Livros Técnicos de Física, Magnetismo e Eletricidade, Óptica, Medicina, Farmacologia, Odontologia e Química.
Editora Guaira	Coleções “Estante de Biografias” e “Estante Jurídica”.
Editora Ipê	“O Santuário”, de William Faulkner.
Editora Irmãos Di Giorgio	“Coma e Emagreça”, Vitor Limidlahr.
Empresa Editora Brasileira	Livros técnicos comerciais.
Melhoramentos	Literatura infanto-juvenil.
Editora Universitária	Coleção “Construtores da América Latina”, de biografias; Literatura estrangeira.
W. M. Jackson	Livros da Sociedade do Livro do Mês.

Pela variedade de editoras, títulos e autores disponíveis para leitura pode-se aferir um cenário de fato mais favorável na indústria editorial brasileira da época –

creciam os lançamentos, as edições e as tiragens e mais leitores surgiam para todos os segmentos -, com os reflexos do crescimento da cultura urbana sendo sentidos inclusive fora dos grandes centros do país, como Florianópolis. Novas editoras eram fundadas, voltadas para áreas específicas, da literatura ao livro técnico, das histórias em quadrinhos aos livros religiosos.

Robert Escarpit, em *A Revolução do Livro*, aborda um fator que não pode ser ignorado ao tentar se compreender o aumento do consumo de cultura impressa, o aparecimento do “livro de divulgação entre as massas”, denominado de diferentes formas: *paperback*, brochura, livro de bolso, livros baratos ou livros de grandes tiragens (ESCARPIT: 1969, 11).

Para Escarpit, o *paperback* foi um “tipo novo de aventura editorial” cuja primeira manifestação remonta a 1935, data do aparecimento da coleção *Penguin* na Inglaterra. Suas características básicas contribuíram para permitir-lhe alterar a escala de divulgação das obras, atingindo camadas letradas da população que anteriormente possuíam dificuldades financeiras em adquirir livros. Produzidos em grande quantidade, com um projeto gráfico simples e homogêneo, usualmente em papel de baixa qualidade, o *paperback* emparelhou o livro com os demais produtos da indústria moderna, adaptando-o tanto à fabricação em série quanto à nova estética industrial (ESCARPIT: 1969, 11-12).

Apesar de não serem “livros de bolso”, brochuras padronizadas em forma de coleções foram constantemente divulgadas por Teixeira da Rosa, como os livros técnico-científicos. Livros de divulgação e vulgarização científica, os livros técnicos e manuais deixaram de ser livros raros, objetos caros e acessíveis apenas à poucos especialistas. Tornaram-se livros baratos, de apresentação atraente, ainda que relativamente modesta, capazes de ser adquirido por uma quantia módica por qualquer leitor, justamente para atrair o crescente público consumidor composto por estudantes e técnicos especializados.

Pela quantidade de anúncios feitos por Teixeira da Rosa, os livros técnicos pareciam corresponder a uma importante fatia do mercado, formado por uma clientela de estudantes, advogados, médicos, engenheiros e demais profissionais liberais. Entre as principais obras citadas na coluna, destacam-se a coleção *Estante Jurídica* da editora Guaíra, de Curitiba; as publicações da Gertum Carneiro, destinadas ao público médico,

odontológico, químico, farmacêutico e outras áreas técnicas; os livros de mecânica da Editora Aurora; os livros da Empresa Editora Brasileira, fundamentalmente de livros comerciais; além dos tradicionais livros didáticos das editoras Melhoramentos e Cia. Editora Nacional

Outro tipo de livros baratos - igualmente anunciados por João Teixeira da Rosa - são as novas edições de obras literárias já lançadas no circuito do público letrado, geralmente clássicos ou *best-sellers* por serem apostas aparentemente mais cômodas e menos arriscadas. Neste sentido as Coleções são mais um elemento facilitador das edições adotadas por quase todas as editoras. São facilitadoras pois, por meio das coleções, os livros tornam-se objetos padronizados em seu formato, diagramação, papel, tipologia, programação visual de capa e miolo. Previamente determinados e aplicados para todos os originais da coleção, eliminam grande parte do trabalho e dos custos de produção (AMORIM, 1999, 71-72).

O Quadro IV sistematiza as principais coleções a circular por Florianópolis através da Livraria Rosa, anunciadas na “Notícias Bibliográficas”, o ano em que a coluna foi publicada e as respectivas editoras de cada Coleção:

Quadro III – Principais Coleções citadas na coluna “Notícias Bibliográficas” (1946-1948):

Ano	Coleção	Editora	Orientação
1946	Coleção Documentos Brasileiros	José Olympio	Livros de não-ficção (História, Sociologia, Memórias, etc.)
1946	Coleção Estante de Biografias	Editora Guaíra	Biografias
1946	Coleção Estante Jurídica	Editora Guaíra	Livros técnicos
1946, 1947	Coleção Os Audazes	Editora Vecchi	Literatura estrangeira para jovens
1946	Coleção Azul (livros de bolso)	Editora Aurora	Livros de bolso, literatura
1946	Coleção Clássicos Contemporâneos	Edição Dois Mundos	Literatura.
1946	Coleção Fogos Cruzados	José Olympio	Romances de autores estrangeiros
1946	Coleção O Mundo e suas Maravilhas	Editora Anchieta	Livros de divulgação e vulgarização científica
1946	Coleção Ontem e Hoje	Editora Brasileira	Literatura estrangeira
1946	Coleção Vidas Extraordinárias	Editora Vecchi	Biografias
1947	Coleção A Conquista da Terra	Editora Brasiliense	Livros de viagens, relatos de aventuras
1947	Coleção Caderno Azul	Editora Guaíra	Livros de não-ficção (teses e estudos sobre ciências humanas)
1947, 1948	Coleção Eros	Editora Prometeu	Literatura estrangeira
1947	Coleção Menina e Moça	José Olympio	Literatura para mulheres
1947	Coleção Nobel	Livraria do Globo	Literatura estrangeira
1947	Coleção Obras Completas	José Olympio	Conjunto de obras sobre um autor específico.
1947	Coleção Obras Primas	Livraria Martins	Principais obras literárias de cada autor
1947	Coleção Os Maiores Êxitos das Telas	Editora Vecchi	Literatura estrangeira já adaptada para o cinema
1947	Coleção Seleções Coloridas	Ed. Brasil América Ltda.	Histórias em quadrinhos.
1947	Coleção BIG	Ed. Brasil América Ltda.	Histórias em quadrinhos.
1948	Coleção Biblioteca dos Séculos	Livraria do Globo	Literatura estrangeira

Pela José Olympio Editora, além da já citada *Coleção Documentos Brasileiros*, e da série *Obras Completas* – reuniam de obras de um mesmo autor, como Graciliano Ramos, por exemplo - aparecem outras duas coleções. A primeira - *Coleção Fogos Cruzados* - oferecia traduções dos “grandes romances da literatura universal” de autores clássicos e contemporâneos, em formatos in-8 e in-16. Entre os volumes iniciais estavam obras de Jane Austen, Tolstói, Upton Sinclair, Nathaniel Hawthorne, Erich Maria Remarque, A. J. Cronin, Daniel Defoe, Pearl Buck, George Sand, Daphne Du Marier, James Hilton e outros

A segunda coleção, *Menina e Moça*, destinava-se às “moças-em-flor”, jovens que não eram mais crianças a lerem contos de fadas, mas que também ainda não estavam preparadas “para cair no romance mundano”, cujas “histórias sentimentalíssimas (...) mais lhes fazem mal do que bem aos seus coraçõeszinhos juvenis e inexperientes”. Era uma coleção que pretendia ser uma ponte entre o mundo da criança - leituras de Walt Disney e outras fábulas - e os dramas de jovens senhoritas, como os livros de M. Delly, Magali, Ardel, Chantepleure, Susana Flag “que tanto fazem sofrer sua mana mais velha”... (*Revista Atualidades*. Nº02. 1947). Seus enredos seguem uma estrutura moralizante de contos de fadas onde o herói, nobre e rico, e a heroína, plebéia e pobre, encontram um núcleo problemático no início mas se encontrando ao final com um casamento feliz.

Uma das principais estrelas deste tipo de coleção foi M. Delly, pseudônimo de um casal de irmãos franceses católicos fervorosos que se chamavam Frédéric Henri Petitjean de La Rosière e Jeanne-Marie Henriette Petitjean de La Rosière (CUNHA: 1999, 17). Teixeira da Rosa não deixou de registrar em suas “Notícias Bibliográficas” o falecimento de Jeanne-Marie, em nota que revela a popularidade de tais leituras, consideradas literatura de evasão para mulheres, uma sublitteratura “água com açúcar”:

Uma notícia pezarosa (sic) para milhões de leitoras (homens, não?), nos mais distantes cantos da Terra, é a da morte de Mme. Delly. O nome verdadeiro da famosa escritora, dos bons romances de ‘água com açúcar’, é Marie Petitjean de La Rosiere. Faleceu com 71 anos, em Paris, a 5 de abril (Revista Atualidades. Nº04. 1947).

Da Editora Vecchi sobressaíram-se as coleções *Vidas Extraordinárias*, *Os Audazes* e *Os Maiores Êxitos das Telas*. A primeira coleção foi uma série de biografias como as de Jeanne Béquus, futura Madame Du Barry; Lucrecia Borges, César Bórgia e Robespierre (*Revista Atualidades*. Nº10. 1946). Já aos jovens leitores que desejassem “uma leitura leve e empolgante”, Teixeira da Rosa indicava os livros da Coleção *Os*

Audazes, a reunir autores populares como Robert Louis Stevenson, Johnston McCulley, Rafael Sabatini, Walter Scott, William F. Cody, Mark Twain, H. Rider Haggard e James Fenimore Cooper (*Revista Atualidades*. Nº10. 1946).

Por fim, a editora Vecchi apresentava ainda *Os Maiores Êxitos das Telas*, a reunir obras populares já adaptadas para o cinema, em especial, o cinema de Hollywood. Entre as obras da coleção estavam “Uma Mulher em meu Passado”, de Oscar Wilde; “Soberba”, de Booth Tarkington; “Uma Vida Roubada”, de J. K. Benés; “Joana d’Arc”, de Jules Michelet; “A Filha do Capitão” e “Águia Negra”, de Alexandre Pushkin; “Bel-Ami”, de Guy de Maupassant; “Revolta”, de William Woods; “Os Amores de Carmen”, de Prosper Merimée, entre outros.

Outra coleção de destaque é a famosa *Coleção Nobel*, que, segundo Sônia Amorim (AMORIM: 1999, 90), foi a série de maior repercussão já criada pela Livraria do Globo. Através dos livros da coleção, ofertava-se a leitura autores como Thomas Mann, André Gide, Charles Morgan, Chesterton, Normam Douglas, Roger Martin du Gard, Aldous Huxley, Sinclair Lewis, William Faulkner, Pearl S. Buck, Graham Greene, James Joyce, Katherine Mansfield, James Hilton, John Steinbeck, Karl May, Joseph Conrad, Virgínia Woolf, Richard Llewellyn, Robert Graves, Kafka, Erich Maria Remarque, Ibsen, Pirandello, Tolstoi (VERÍSSIMO: 2000, 20-22

Para finalizar este breve levantamento, a sistematização dos autores catarinenses citados por Teixeira da Rosa na coluna:

Quadro IV – Autores catarinenses mencionados na coluna “Notícias Bibliográficas”:

Edição	Autor	Assunto
Nº07, 1946.	Laércio Caldeira de Andrada (com foto)	Encômios por motivo de sua data natalícia.
Nº07, 1946.	Silveira Júnior	Premiação em Concurso de Contos.
Nº08, 1946	Silveira Júnior	Agradecimento por correspondência recebida.
Nº08, 1946	Doralécio Soares	Enviou correspondência pedindo para o colunista tratar sobre Catúlo da Paixão Cearense.
Nº02, 1947	Laércio Caldeira de Andrada	Anúncio de futura edição da obra “A Igreja dos Fiéis”.
Nº09, 1947	Zedar Perfeito da Silva	Sobre a publicação do livro “Até que Surja a Alvorada”.
Nº09, 1947	Willy Zumblick	Sobre a ilustração da capa do livro “Até que Surja a Alvorada”.
Nº09, 1947	Nuno D’Eça	Sobre a publicação do livro “Um Casal Ilustre”.
Nº01, 1948	Laércio Caldeira de Andrada	Sobre a publicação do livro “A Igreja dos Fiéis”.

As poucas citações referem-se, sobretudo, a lançamentos de livros. Foi o caso de Nuno D’Eça que lançou, em 1947, pela Editora Atualidades – a mesma da revista – o livro “Um Casal Ilustre”, uma genealogia do Cel. Vidal Ramos e de sua esposa, Teresa Ramos; e, de Zedar Perfeito da Silva, jornalista e colaborador da revista Atualidades, que lançou seu novo livro, o romance “Até que Surja a Alvorada”, impresso pela tipografia do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1948.

Por toda a proximidade com sua trajetória pessoal, Laércio Caldeira de Andrada foi o mais citado. À época residindo em Niterói e trabalhando no Departamento dos Correios e Telégrafos do Estado do Rio de Janeiro, Caldeira de Andrada comunicava-se com Teixeira da Rosa atualizando-o sobre o lançamento de seu novo livro, “A Igreja dos Fiéis”, sobre a figura de Nicolau Durand Villegaignon e a ação do primeiro posto missionário da Reforma em terras da América, lançado em janeiro de 1948.

Na pretensão de que este levantamento possa se tornar uma ferramenta para outras possibilidades de investigações futuras e mesmo reconhecendo que a “primeira circunavegação redonda apenas uma cartografia imprecisa” (DARNTON: 1991, 193), o que foi apresentado até o momento neste capítulo foi uma história da circulação do livro em Florianópolis através do acervo da Livraria Rosa; ou, mais especificamente, daquilo que era selecionado e oferecido à leitura pelo livreiro.

Não obstante, poderíamos ter optado apenas por problematizar esta prática do livreiro: o selecionar para oferecer. Se para a maioria dos editores a livraria é o elo essencial da cadeia de distribuição de livros, o papel do livreiro por vezes pode ser obscurecido pela atuação dos demais componentes envolvidos nos processos de produção, edição e circulação do livro, como o autor, o editor e o próprio leitor. Se a livraria é a vitrina do editor, o livreiro pode definir para ele o gosto e a preferência do seu público ao selecionar o que deve ser ofertado para seus consumidores. Imagina-se que seja uma operação delicada de observação, que exige do livreiro-avaliador certo conhecimento do público-consumidor para poder avaliar com mais acerto a demanda provável.

A variedade de títulos, autores, coleções e editoras levantados são evidências de uma multiplicidade de leitores e leituras proporcionadas pela Livraria Rosa, com leitores de diversas origens, com diferentes objetivos em relação às suas leituras e infinitas possibilidades de apropriações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Sônia Maria de. *Em Busca de um Tempo Perdido*: edição de Literatura Traduzida pela Editora Globo (1930-1950). Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros Proibidos, Idéias Malditas – O Deops e as Minorias Silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2000.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly*. BH: Autêntica, 1999.
- DARNTON, Robert. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ESCARPIT, Robert. “A Revolução do Livro”. *Revista do Livro*. INL. N°36. 1969.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: FAPESP: EDUSP: IOESP, 2001. p.209-217.
- MATOS, Felipe. *Sob os auspícios da Livraria Rosa: redutos literários e circulação de cultura impressa em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: UFSC, 2008.
- MIGUEL, Salim & MALHEIROS, Eglê. *Memória de Editor*. Florianópolis: IOESC: Escritório do Livro, 2002.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) et al. *Elite Intelectual e Debate Político nos Anos Trinta: Uma Bibliografia Comentada da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: FGV: 1980.
- VERÍSSIMO, Érico. *Breve crônica duma editora de província*. Santa Maria: UFMS, 2000.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio, o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.